

## **Aula de história**

Fortes, igrejas, pontes e sobrados: heranças deixadas por holandeses e portugueses

## **Beleza sem fim**

Mar transparente, piscinas naturais, céu azul e muito verde à espera dos visitantes

## **Carnaval**

O maior bloco do mundo e bonecos gigantes: diversão garantida ao som do frevo

# Editorial

**D**ividir as páginas seguintes com você, leitor, é um enorme prazer, porque, para nós, também foi extremamente prazeroso conhecer essas duas lindas cidades que contam parte da história do Brasil: Recife e Olinda. Uma vez que há tanta gente sonhando em realizar uma viagem para o exterior, nós o convocamos a esquecer esta ideia temporariamente e desbravar primeiro o interior de nosso próprio país. As surpresas serão grandes, tal como foram para nós aos explorarmos esses dois tesouros do Nordeste. Quem se permitir fazer as malas e rumar para Recife e Olinda irá encontrar uma beleza estonteante vinda de sua natureza, de seus monumentos, de suas igrejas. E o melhor: tudo isso com um sabor europeu, misturado com o tempero brasileiro de uma gente hospitaleira, alegre, calorosa.

Mas por que sabor europeu? Porque essas duas cidades foram colonizadas por dois povos vindos da Europa: os portugueses e os holandeses. E, andando por suas ruas, vemos essas influências por todos os lados, seja nos sobrados coloniais, nas igrejas suntuosas, nos fortes preservados ou mesmo nas danças típicas da região - como o frevo -, que misturam movimentos aprendidos nos salões frequentados pelos portugueses. Até os bonecos gigantes de Olinda têm um pezinho na Europa: quem os introduziu no Brasil fez nada mais, nada menos do que adaptar uma tradição europeia que marcava as festas religiosas da Idade Média.

Só que esse lado europeu de Olinda e Recife tem um quê a mais. O sol brilha praticamente o ano todo na região, que possui uma natureza exuberante: diante das duas cidades, a grandeza do oceano se descortina e, ao longo da orla, recifes protegem os banhistas de ondas mais fortes - formando piscinas naturais - e do avanço de tubarões, comuns por esses

mares. E todo esse visual marítimo é emoldurado por muito verde, como as encantadoras palmeiras de Olinda.

Quem pensa, porém, que ir a Recife e Olinda é como fazer uma viagem que nos leva de volta ao tempo em todos os sentidos está muito enganado. As duas cidades contam com modernas condições para receber os turistas, sobretudo Recife, que possui uma imensa oferta hoteleira, ótimos restaurantes e grandes *shopping centers*. Mas Olinda não fica atrás: embora seja mais singela, ostenta o título de Patrimônio Histórico da Humanidade. A vantagem é que as duas se separam por apenas sete quilômetros, cerca de vinte minutos de carro. Por isso, organizar sua viagem para percorrer as duas cidades é fundamental. Afinal, ir a Recife e não conhecer Olinda é como ir a Roma e não conhecer o papa. Uma cidade complementa a outra. Prepare-se, portanto, para se apaixonar nas páginas seguintes. E não demore a programar suas férias nesses dois recantos maravilhosos do nosso Brasil.

Ana Lúcia Prôa

## ÍNDICE

|                    |    |
|--------------------|----|
| História de Recife | 5  |
| Atrações da cidade | 8  |
| História de Olinda | 10 |
| Atrações de Olinda | 12 |
| Carnaval           | 18 |
| Corredor cultural  | 22 |

### O Guia Cultural - Pernambuco é uma publicação da Câmara de Cultura

câmara  
cultura

#### Câmara de Cultura

Telefax (21) 2487-4128  
cultura@camaradecultura.org  
www.camaradecultura.org

O Guia Cultural - Pernambuco não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em matérias e artigos assinados.

Agradecimentos a Flávia Carrijo, assessora de imprensa da Embratur, e ao jornalista Thiago Brigada, que gentilmente cederam as fotos para esta edição.

**Regina Lima** Diretora Executiva

**Marta Souza Lima** Diretora Adjunta

**Ana Lúcia Prôa** Jornalista e Editora

**Mariana Simões** Revisora

**Sidney Ferreira** Designer

**Foto de Capa** Werner Zotz/Embratur

**Tiragem desta edição** 20.000 exemplares



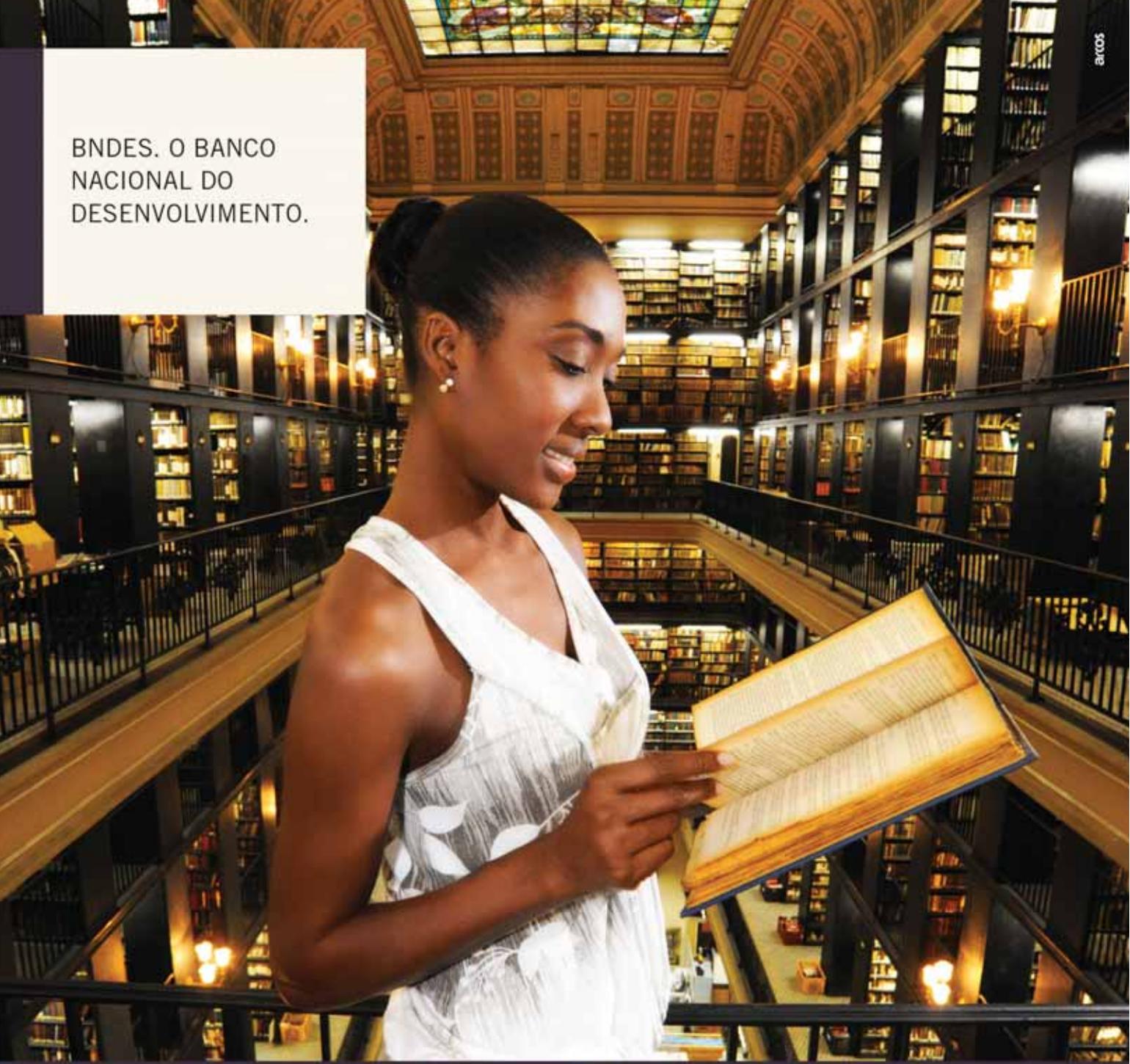
Nas ruas de Recife e Olinda, grupos de maracatu se apresentam durante o carnaval, exibindo suas roupas coloridas e muita animação

Foto: Christian Knepper / Embratur

POR TRÁS DA CULTURA  
BRASILEIRA, EXISTE UM  
BANCO QUE VALORIZA A  
ARTE E A HISTÓRIA DO  
NOSSO POVO.

BIBLIOTHECA  
NACIONAL

**BNDES. O BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO.**



Quando se fala em cultura, você pode lembrar de várias coisas: cinema, música, manifestações populares, patrimônio histórico. Mas o que não dá para esquecer é que, por trás de tudo isso, existe um banco que valoriza e apoia cada uma dessas formas de expressão. As ações do BNDES junto ao setor cultural buscam ampliar o seu potencial de geração de renda, emprego e inclusão social. Afinal, cultura é diversão, identidade, cidadania. E desenvolvimento.

Ouvidoria: 0800 702 6307  
[www.bndes.gov.br](http://www.bndes.gov.br)



Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior



## A Veneza brasileira

No coração do Nordeste, encontra-se uma cidade que encanta por suas belezas naturais, seu clima sempre ensolarado, suas histórias e seu povo alegre e acolhedor. É Recife, a capital de Pernambuco! Uma terra que já foi extremamente próspera devido ao cultivo da cana-de-açúcar, no início da colonização do Brasil, e que agora é rica por suas indústrias e por atrair, todos os anos, milhares de turistas. Um local abençoado por Deus e bonito por natureza, carinhosamente chamado de "Veneza brasileira" graças aos canais formados pelos rios Capibaribe e Beberibe, sobre os quais foram erguidas 39 pontes.

Além de ser entrecortada por esses dois rios - que dividem a cidade em três "ilhas" (os bairros Recife, Santo Antônio e Boa Vista) -, a capital per-

nambucana é banhada pelo Oceano Atlântico. E é daí que vem o seu nome. Ao longo da costa, há uma enorme barreira natural formada por recifes de arenito. Por conta dessa formação rochosa, os portugueses não tiveram dúvidas em chamá-la, inicialmente, de Recife dos Navios, uma vez que este era o porto perfeito para embarcarem matéria-prima para a Europa. Apesar de ter sido conhecida por Porto de Santelmo, Arrecife de São Miguel e povoado do Corpo Santo, Recife foi o nome que ficou, merecidamente.

Hoje, passear por Recife - e por Olinda, cidade vizinha à qual também dedicamos esta edição do GUIA CULTURAL - é certeza de desfrutar de uma natureza exuberante e mergulhar no passado histórico. Em uma miscelânea de culturas e tradições, os visitantes encontram influências dos primeiros

**A capital de Pernambuco é apaixonante. Além de suas ruas abrigarem, harmoniosamente, casarios antigos ao lado de edificações modernas, elas ainda são cercadas por rios e pontes, lembrando a romântica cidade europeia**

habitantes da região, os indígenas; daqueles que vieram para ser escravos nos engenhos de cana-de-açúcar, os africanos; dos nossos colonizadores, os portugueses; e dos europeus que mais trouxeram desenvolvimento à região: os holandeses. Tudo isso amparado por um esquema hoteleiro perfeito e por um dos melhores pólos gastronômicos do Brasil. Melhor, impossível!

Foto: Werner Zotz/Embratur



A rua da Aurora, no bairro de Boa Vista, encontra-se às margens do rio Capibaribe e possui coloridos sobrados do século XIX

# Uma antiga história de amor e lutas

**A cidade, inicialmente colonizada por portugueses, viu seu maior crescimento acontecer durante a ocupação holandesa, quando Maurício de Nassau chegou à região e, por 24 anos, dedicou-se à sua urbanização**

**R**ecife é uma paixão! A relação de amor entre a cidade e seus visitantes não vem de hoje... Talvez a maior delas remonte ao século XVII, após o desembarque de Maurício de Nassau em Pernambuco. Ele ficou tão encantado pela região que investiu todos os seus esforços para "modernizar" o então povoado. Mas antes disso, desde 1516, já havia portugueses por lá, nas chamadas feitorias (pequenas fortificações para defesa dos ataques de índios e estrangeiros, em que estocavam o pau-brasil extraído de nossas terras para depois ser enviado para Portugal).

Em 1534, a Coroa portuguesa criou as capitanias hereditárias. Neste sistema, nobres portugueses recebiam por doação enormes faixas de terra do território brasileiro, a fim de colonizá-las, protegê-las e, obviamente, explorar suas riquezas. Foi assim que, um ano depois, Duarte Coelho tornou-se o donatário da capitania de Pernambuco, aportando, inicialmente, em Igarapé, litoral norte da região. Após travar batalhas com seus primeiros habitantes, os índios caetés, ele deu início ao processo de colonização desta área do Brasil. E seguiu rumo ao sul, instalando-se em um ponto que considerou estratégico para a defesa de sua capitania: os altos morros de Olinda. Em 1537, esta vila já era próspera o suficiente para que Duarte Coelho enviasse uma carta à Coroa portuguesa descrevendo todos os lugares e benfeitorias ali existentes. Na

carta, a região que mais tarde se tornaria Recife foi citada, simplesmente, como um ancoradouro, uma vez que as formações rochosas ao longo da costa (recifes) criavam uma espécie de porto natural.

De fato, Recife não passava disso para os europeus: o local mais adequado para atracar seus navios, desembarcar peças vindas de Portugal e, depois, carregá-los com pau-brasil e cana-de-açúcar - que começava a ser plantada naquele solo fértil -, levando essas matérias-primas para enriquecer a metrópole. A região, que ficava a sete quilômetros de Olinda, era povoada apenas por alguns grupos de pescadores. O investimento dos portugueses em Recife, portanto, era praticamente nulo, já que o local com maior importância para eles naquele momento era Olinda, que se tornou a capital da província.

E assim transcorreu por quase um século, até que, em 14 de fevereiro de 1630, uma armada de 67 velas exibindo reluzentes canhões pintados de vermelho adentrou o litoral pernambucano. Eram os holandeses, que logo tomaram a direção de Olinda. Eles, que representavam a Companhia das Índias Ocidentais, expulsaram os portugueses da região e se instalaram em Recife, visando conquistar toda aquela área e, nela, dominar o comércio e a navegação. Sete anos depois, a Coroa holandesa mandou para Recife o conde Maurício de Nassau, a fim de governar



Foto: Christian Knepper/Embratur

No bairro do Recife Antigo, ainda é possível encontrar as primeiras construções da cidade, agora totalmente restauradas

a então chamada Nova Holanda. E foi amor à primeira vista! Nassau chegou em 1637 e dali só saiu expulso pelos portugueses 24 anos depois. Mas foi embora deixando para trás um número infinito de melhorias para a região e levando com ele o título de "o brasileiro", como continuou sendo chamado até sua morte.

## DE PORTO NATURAL A CAPITAL

Até hoje, os moradores de Recife associam o nome de Maurício de Nassau à época de ouro da cidade. Não é para menos. Após sua intervenção, a região deixou de ser um povoado subordinado à vila de Olinda para se tornar a capital da Nova Holanda. E como o conde tinha real apreço pelo local, ele próprio se empenhou na sua urbanização. Uma das primeiras atitudes de Nassau foi



Foto: Christian Knepper/Embratur

fazer alguns aterramentos e mandar construir pontes, dando uma nova cara àquela Recife dos Navios. Antes, para se deslocar de Recife para as ilhas de Santo Antônio e Boa Vista, era preciso pegar uma balsa. Esse transporte era cobrado e o preço só fazia aumentar. Foi com festa, então, que o povo da região comemorou a construção da primeira ponte da região, em 28 de fevereiro de 1644 - que viria a ser, também, a primeira ponte do Brasil.

Além disso, Recife foi ganhando sobrados, palácios, jardins e até um zoológico, que remetiam a importantes cidades europeias. Nassau foi responsável pelo surgimento do primeiro observatório astronômico e da primeira sinagoga das Américas. Ele não mediu esforços para trazer da Europa os melhores artistas, arquitetos, engenheiros e paisagistas para dar vida a todo

esse planejamento urbanístico, mesmo sabendo que ia contra o que a maioria achava da região, tida como um local infrutífero, que não passava de um areal alagadiço.

Nassau esteve o tempo todo de olho no progresso daquele belo refúgio pernambucano. E sabia que, para tanto, precisaria lidar muito bem com as pessoas da região. Assim, sempre buscou manter um bom relacionamento com os senhores de engenho. A eles, oferecia empréstimos e ótimas condições de pagamento, no intuito de que produzissem safras maiores de cana-de-açúcar. Obviamente, havia interesses comerciais por trás dessa ajuda, mas isso não invalidava as ações altamente empreendedoras de Nassau, que serviram de semente para que Recife florescesse e se tornasse a bela capital que, hoje, a todos encanta.

Em 1654, os portugueses deram a volta por cima e expulsaram os holandeses de Pernambuco. Quando Maurício de Nassau se foi, Recife já contabilizava trezentos prédios, entre casas térreas, sobrados, igrejas, cadeia, Palácio do Governo, alfândega, provedoria, Casa da Câmara, armazéns e sinagoga. Porém, somente em 1710 foi promulgada a carta régia elevando a povoação à categoria de vila, o que acabou provocando a famosa Guerra dos Mascates, uma guerra civil entre Recife e Olinda, já que a aristocracia olindense não aceitava a ascensão de seu vizinho "menos nobre". Mas não houve jeito, e Recife só fez crescer, conquistando o título de cidade em 1823 e, quatro anos depois, finalmente, tornando-se a capital de Pernambuco.

Um dos melhores pontos de observação de Recife encontra-se no alto dos morros de Olinda. Ao fundo, vê-se a atual grandiosidade da capital pernambucana

## Diversão e cultura à vontade

Curtir as piscinas que se formam na praia da Boa Viagem, conhecer a história nas ruas do Recife Antigo, visitar palácios e museus... Essas são apenas algumas atrações que a cidade oferece!

A capital de Pernambuco é um prato cheio para agradar qualquer tipo de turista. Tem praia, tem história, tem modernidade. É como diz seu principal atrativo natural: uma boa viagem! O ideal, portanto, é começar o passeio conhecendo esta que é considerada uma das mais belas praias urbanas do Brasil: a praia da Boa Viagem. Com sete quilômetros de extensão, possui areia fina e águas mornas e lípidas, formando diversas piscinas naturais protegidas pelos recifes. Só não é aconselhável se aventurar mar adentro: tubarões costumam "frequentar" a badalada região. Ao longo de toda a orla, outra grande pedida é se sentar em um dos inúmeros quiosques do calçadão e pedir uma porção de frutos do mar, acompanhada de água-de-coco gelada ou suco de frutas típicas. Um chopinho também cai bem, ainda mais durante a noite, quando o agito continua nesse *point* recifense.

E não é à toa que Boa Viagem é tão procurada. Nesse bairro, encontram-se uma completíssima infraestrutura hoteleira para as diversas categorias de turistas, os maiores shoppings e lojas da cidade e incríveis bares e restaurantes, que fazem jus à cidade - o segundo pólo gastronômico do Brasil. Também há bons restaurantes, bares e quiosques na praia de Pina, próximo a Boa Viagem. Antiga colônia de pescadores, é outra opção para os turistas aproveitarem as ondas fracas protegidas pelos recifes.

Para quem tem espírito de aventura, o litoral da região oferece outro atrativo: o mergulho. São 23 pontos seguros para a prática do esporte, onde se pode admirar a riquíssima vida marinha da região, composta por peixes multicoloridos, tartarugas, moluscos e crustáceos, além de uma vegetação aquática bastante variada. E tem mais! Recife também é conhecida como a "capital brasileira dos naufrá-

gios". Existem mais de cem embarcações afundadas na região! Há escolas de mergulho e guias específicos que levam os visitantes para esse excitante passeio.

E, se o assunto é aventura, Recife oferece outras opções. Com o auxílio de guias, é possível conhecer matas e reservas ecológicas, praias desertas, sítios históricos e manguezais. Os adeptos dos esportes radicais têm boas opções, como a prática de rapel, *trekking*, *asa-delta*, turismo ecológico, *paraquedismo*, *canyoning* e expedições *off-road*. Possibilidades para tornar sua viagem a esta cidade ainda mais inesquecível!

### O RECIFE ANTIGO AINDA NOVO

Saindo do circuito natureza e aventura, é hora de voltar ao passado. Recife preserva diversos monumentos de grande significado histórico e arquitetônico - alguns ainda são obras urbanísticas idealizadas por Maurício de Nassau. Assim, andar por

bairros como Santo Antônio, São José, Boa Vista e Recife Antigo é como viajar no tempo, desembarcando em museus, fortes, igrejas e casarões.

Vale a pena começar pelo Recife Antigo, também conhecido como Bairro do Recife, que é onde teve início a história da cidade. O fato é que esse bairro, localizado na zona portuária, há bem pouco tempo estava abandonado e mal-conservado, e tornara-se uma área de prostituição. Mas, a partir de 1986, a prefeitura desenvolveu projetos para revitalizar a região, que agora é um importante polo de cultura, turismo e lazer. Vemos casarões coloridos e reformados que se transformaram em centros culturais, restaurantes e simpáticos bares, que, com mesinhas nas calçadas, oferecem música ao vivo aos visitantes. As ruas são de paralelepípedo e ainda existem trilhos de bonde.

No Recife Antigo, na praça Rio Branco, encontra-se o Marco Zero, indicando a posição exata em que a cidade foi fundada. O marco é um círculo colorido sobre a pavimentação bem próxima ao porto, tendo, em seu interior, a pintura de uma rosa dos ventos - de autoria do artista plástico Cícero Dias - e, ao centro, uma placa de bronze com a seguinte inscrição: "As distâncias no Recife são medidas a partir desse ponto." Perto dali, vê-se a Torre Malakoff, edificada entre 1853 e 1855, em estilo neobizantino, que funcionou por quase meio século como observatório meteorológico da Marinha. Atualmente, durante o dia, os salões da torre abrigam exposições culturais em, algumas noites, o observatório é aberto ao público.

Outra visita imperdível no Recife Antigo é ao Forte do Brum, erguido no século XVI para defender a região do ataque de piratas e saqueadores. Nele, funciona o Museu Militar, onde é possível ver materiais de escavações arqueológicas realizadas na fortificação, como documentos e fragmentos de piteiras, balas e canivetes, e o acervo de fotos e armas usadas durante a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. O Teatro Apolo é outra joia da arquitetura do bairro, e conserva suas características originais. Inaugurado em 1842, possui facha-

da em estilo neoclássico, feita de mármore trazido de Lisboa.

Conhecer a primeira sinagoga das Américas também é um programa interessante. Afinal, ela retrata o modo de vida de Recife no século XVI, pois grande parte da população europeia que migrou para o Brasil tinha origem judaica. A curiosidade já começa pelo nome da rua em que está situada: no século XVII, chamava-se rua dos Judeus, mas, no seguinte, quando a Inquisição em Portugal mandou representantes às colônias portuguesas para averiguar se os dogmas católicos estavam sendo seguidos, foi preciso mudar para rua da Cruz, depois rua dos Mercadores e, finalmente, rua do Bom Jesus. A sinagoga conserva paredes com os moldes originais do século XVII e hoje abriga o Centro Judaico de Pernambuco.

## HISTÓRIA DE PALÁCIOS E BOABÁS

Saindo de Recife Antigo, também há passeios imperdíveis, como ao belo Palácio Campo das Princesas, na Praça da República, bairro de Santo Antônio. A construção data de 1841 e, em 1859, quando d. Pedro II visitou Pernambuco com a família e nela se hospedou, o palácio recebeu este nome em homenagem às filhas do imperador. Possui rico mobiliário do século XIX e, ao fundo da suntuosa escadaria, encontra-se um belíssimo vitral com a imagem alegórica da Proclamação da República, trazendo ao redor datas alusivas aos movimentos revolucionários de Pernambuco. Nessa mesma praça encontram-se outras preciosidades arquitetônicas, como o Teatro Santa Isabel, do século XIX, e o Palácio da Justiça, em estilo neoclássico.

A Praça da República, por sua vez, tem suas curiosidades. Além de ostentar três belos jardins, esculturas de divindades clássicas, fonte luminosa e palmeiras imperiais, abriga um

imenso baobá, que, dizem os recifenses, serviu de inspiração para o francês Antoine de Saint-Exupéry escrever *O Pequeno Príncipe*. Verdade ou mentira, não dá para saber. Mas o fato é que o escritor realmente esteve em Recife, durante o exílio nos Estados Unidos, e foi justamente nessa época que escreveu o famoso livro.

Recife é assim... Cheia de histórias para contar... Repleta de registros históricos, que também podem ser encontrados nos diversos museus da cidade e nas igrejas construídas nos séculos XVI e XVII, que ainda preservam suas características originais (veja nossas sugestões de museus e igrejas a serem visitados na seção *Corredor Cultural*). É um local que arrebatou o coração dos visitantes, que ficam torcendo para um dia poderem para lá voltar.

Foto: Thiago Brigada/Divulgação



Na Praça da República, encontra-se um imenso baobá que, segundo contam os recifenses, teria servido de inspiração para o livro *O Pequeno Príncipe*



# Linda e cheia de

**Q**uando, em 1535, o português Duarte Coelho, donatário da capitania de Pernambuco, chegou ao alto de um morro onde existia apenas uma aldeia indígena denominada Marim, olhou de lá a bela paisagem que se descortinava e bradou: "Ó linda situação para se construir uma vila." E foi a partir dessa frase que aquela região paradisíaca passou a ser chamada de Olinda!

Além de sua beleza natural, o local era estrategicamente perfeito: tinha bem perto um porto natural - a futura cidade de Recife - e oferecia uma visão privilegiada do oceano, permitindo avistar ao longe qualquer ameaça de invasão de frotas inimigas. Possuía água em abundância e terras férteis. Aquela pequenina região era, realmente, tudo o que Coelho precisava para dar início a um povoado.

Não se sabe ao certo a data da fundação de Olinda, mas, apenas dois anos após a chegada de Duarte Coelho, a povoação foi elevada à categoria de vila. Em suas praias, a nova vila foi fortificada para garantir maior defesa e, assim, pôde expandir-se em direção ao mar. Os portugueses também ampliaram o território olindense rumo ao interior,

para ficar mais próximo dos engenhos de açúcar. Nessa época, graças ao extrativismo do pau-brasil e ao crescimento vertiginoso da cultura da cana-de-açúcar, Olinda se tornou um dos mais importantes centros comerciais da colônia. E enriqueceu muito rapidamente, a ponto de possuir tanto luxo e ostentação quanto a Coroa portuguesa.

No próprio século XVI, a vila ganhou o seu traçado urbano por conta dos caminhos que levavam as riquezas dos engenhos até os navios portugueses. E as áreas mais altas foram ocupadas por religiosos vindos de Portugal para catequizar os índios, ajudando, assim, a formalizar de vez a conquista daquelas terras. No alto dos morros, então, começaram a ser erguidas igrejas para abrigar as primeiras ordens religiosas que chegavam à vila: em 1580, aportaram os carmelitas; em 1583, os jesuítas; em 1585, os franciscanos; e em 1586, os beneditinos.

## COMO UMA FÊNIX

Olinda crescia a olhos vistos e parecia que nada de ruim poderia acontecer àquela pacata e próspera região. Até que se deu a barbárie... Quase um século depois de sua fundação, em 16

**Esta cidade já possuiu tantas riquezas quanto a Corte portuguesa, mas também ardeu em chamas. Após ter conseguido renascer das cinzas, hoje ostenta o título de Patrimônio Mundial**

de fevereiro de 1630, a Holanda invadiu Olinda e conquistou todo o estado de Pernambuco. Mas, uma vez tomada a vila, os holandeses preferiram deixá-la para trás e foram estabelecer-se no pequeno povoado situado nas três ilhas junto ao porto que formam a cidade de Recife (ver página 5). Só que não saíram impunemente...

Após terem recolhido de Olinda todos os materiais nobres das edificações - visando utilizá-los na ampliação do povoado em Recife -, os holandeses atearam fogo na linda vila, no dia 24 de novembro de 1631. O fato é

# histórias

Muitas igrejas preservadas, casario típico do período colonial e natureza exuberante. Esses são os ingredientes de Olinda, que atrai milhares de turistas todos os anos

que a região próxima ao porto estava indo de vento em popa e os holandeses estavam dispostos a fazer dela o verdadeiro centro de referência de Pernambuco. Riscar Olinda do mapa seria um bom recurso para realizarem esse intento, ainda mais podendo contar com as riquezas que existiam lá. E assim Olinda ardeu em chamas e se rendeu ao poderio holandês, sendo obrigada a dar uma pausa em seu crescimento.

Mas foi realmente apenas uma pausa... Porque, em 27 de janeiro de 1654, os portugueses retomaram suas terras, expulsando os holandeses de Pernambuco. A partir daí, o povo olindense começou a lenta reconstrução de sua vila. Tal como a fênix, Olinda renasceu, pouco a pouco, das cinzas.

## NOVO PÓLO TURÍSTICO

Apesar de sua impressionante reconstrução e de ter recuperado o título de sede oficial do governo, Olinda teve que encarar uma realidade que deixaria para trás seus anos de glória: àquela altura, Recife havia crescido demais... Com isso, a linda vila nunca conseguiu recuperar seu *status* de principal centro econômico de Pernambuco. Mesmo obtendo, em 1676, o título de

cidade, Olinda passou a viver à sombra de Recife, o que, por outro lado, não a diminuiu em termos de grandeza.

Afinal, a cidade readquiriu as dimensões de sua antiga vila antes do incêndio. Foi uma reconstrução monumental, sobretudo de suas igrejas. E não se pode dizer que Olinda deixou de crescer. Só que, a partir desse momento, seu crescimento se dava paralelamente ao apogeu de Recife. Olinda foi colocada em segundo plano pela futura capital de Pernambuco, a ponto de, em meados do século XIX, sua força econômica ainda estar baseada em suas propriedades rurais.

Mas dois novos atrativos começaram a chamar a atenção para a cidade. Um deles foi a fundação do Seminário Diocesano, em 1800, e da Faculdade de Direito, em 1828, que atraíram jovens estudantes. E o outro foi seu salutar banho de mar passar a ser recomendado por médicos. Essas circunstâncias deram nova vida a Olinda. Tanto é que, para facilitar o acesso dos visitantes, foi criada uma linha de trem para ligar Recife a essa cidade - distante apenas sete quilômetros, que desde o século XVI eram percorridos pelos mesmos antigos caminhos.

Inicialmente, as pessoas recomendadas a passar uns tempos na salutar Olinda alugavam casas de terceiros, para temporadas predeterminadas durante o verão. Aos poucos, começaram a comprar imóveis na região, próximo ao mar, passando a morar na cidade mesmo fora da época de veraneio. Depois, essa expansão imobiliária foi tomando conta de outras ruas mais afastadas da orla. Aos poucos, Olinda foi ganhando um novo traçado urbano, que incluiu a chegada de água potável e eletricidade às casas.

Nada mais deteria o crescimento da cidade. Mesmo perdendo para Recife o posto de capital da província em 1827, Olinda foi absorvendo com força total sua principal característica, que permanece até hoje: a de ser um dos maiores pólos turísticos do Brasil. E como preserva suas características históricas, culturais e arquitetônicas desde o século XVII, quando foi reconstruída após o grande incêndio, foi declarada, em 1980, Monumento Nacional, pelo Congresso Nacional, e, em 1982, reconhecida como Patrimônio Mundial pela Unesco. Títulos, sem dúvida alguma, muito merecidos!



Na foto maior, o Convento de São Francisco e o belo visual de Olinda. Na foto menor, a Igreja do Carmo. E à direita, a Igreja da Sé

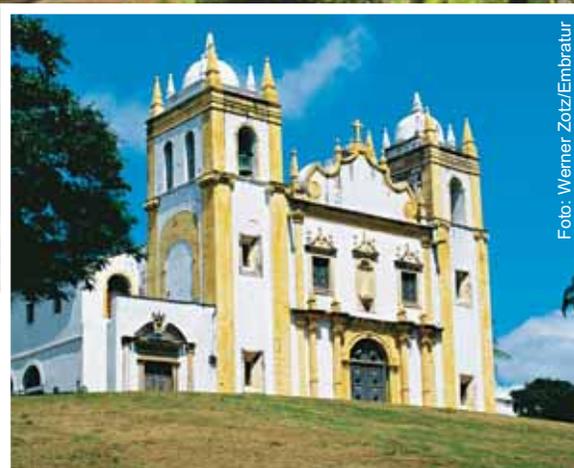


Foto: Werner Zotz/Embratur

# Pequena, mas grandiosa

Uma pequena cidade, mas que abriga tantas riquezas. Assim é Olinda, que todos os anos recebe de braços abertos milhares de turistas. Eles não se cansam de subir e descer ladeiras ao longo de seus 29 km<sup>2</sup>. Em cada recanto, podem encontrar exemplos da arquitetura do século XVI, objetos de arte sacra ou, simplesmente, descortinar à sua frente uma vista lindíssima, de onde se admira o oceano e a cidade de Recife.

Passear pelas ruas de Olinda é garantia de adentrar um museu ao ar livre, exibindo "peças" barrocas do período colonial. Graças a um bem

cuidado trabalho de restauração e preservação, iniciado na década de 1930, o visitante entra em contato com parte da história do Brasil, contada em seus monumentos, igrejas, casarões e sobrados. Ao todo, hoje, quase um terço da área da cidade é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Por esse motivo, Olinda recebeu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade.

De todo esse acervo arquitetônico, a primeira coisa que chama a atenção são as igrejas olindenses. São mais de trinta espalhadas nesse pequeno território, além de templos, mosteiros e capelas de

**Localizada a apenas vinte minutos de Recife, essa cidade de menos de 30 km<sup>2</sup> esconde tesouros da história e da arquitetura colonial, sendo um verdadeiro paraíso para os turistas**



Foto: Christian Knepper/Embratur

igual valor cultural e histórico. Os visitantes podem começar esse tour religioso pelo ponto mais alto da cidade, o Alto da Sé, onde fica a Igreja de São Salvador do Mundo, também chamada de Igreja da Sé. De lá se tem uma visão privilegiada de toda a cidade. Essa igreja é considerada a mais antiga do país, construída entre 1535 e 1540. Como a maior parte dos monumentos da cidade, foi destruída pelo incêndio de 1631, mas restaurada de 1656 a 1677. Alguns de seus atrativos são os altares laterais folheados a ouro e os azulejos portugueses contando fatos da história católica.

Outra igreja que exhibe belíssimos azulejos vindos de Portugal é a de Nossa Senhora das Neves, onde também se encontra o Convento de São Francisco. Erguida em 1585 e reconstruída no século XVII, conserva até hoje sua capela-mor. Nela, podem-se apreciar tanto os azulejos portugueses retratando a catequização dos padres na região,

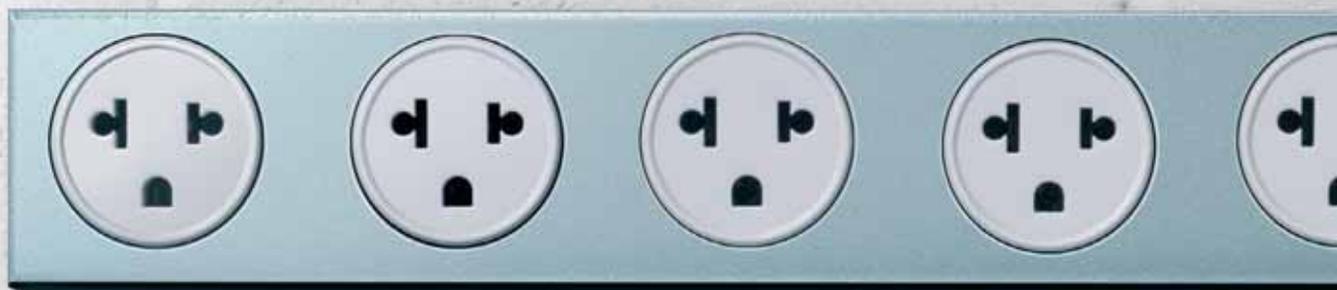
quanto o teto da igreja com pinturas do século XVIII, representando a Sagrada Família.

O Mosteiro de São Bento, construído em 1599 e restaurado em 1654, é mais um local em que o visitante fica de queixo caído diante da grandiosidade de seu interior. Seu altar-mor é em estilo barroco, com um impressionante trabalho em talha dourada e a imagem de São Bento em madeira revestida de ouro. No teto, estão três painéis contando passagens da vida desse santo. A sacristia é um capítulo à parte. Além de talhas douradas, possui espelhos de cristal e mais painéis sobre os feitos de São Bento.

A Igreja do Convento de Santo Antônio do Carmo também merece uma visita. É a primeira da Ordem dos Carmelitas no Brasil, erguida em 1588. Após o incêndio provocado pelos holandeses, somente no século XVIII passou por restaurações. Sua fachada é em estilo colonial renascentista, com colunas,



Foto: Wemer Zotz/Embratur



**Todos os setores da  
economia têm pelo menos  
uma coisa em comum.  
A energia da Eletrobrás.**



Nossa energia está sempre impulsionando o crescimento do Brasil.  
Quanto mais a gente trabalha, mais empregos, mais lucro e  
mais crescimento o Sistema Eletrobrás gera para os brasileiros.



Ministério de  
Minas e Energia



# Olinda

portas e janelas trabalhadas. Em seu altar-mor há imagens barrocas dos santos Antônio, Elias e Eliseu. Andar por seus corredores laterais é como estar em um museu, admirando quadros com imponentes molduras.

Vale lembrar, porém, que há mais de trinta igrejas espalhadas por Olinda. O visitante precisa ter fôlego e andar com a máquina fotográfica em punho, porque cada uma delas esconde detalhes especiais, seja na fachada, seja no interior. E uma situação curiosa é estar na cidade às 18 horas. Nesse momento, os sinos das diversas igrejas badalam ao mesmo tempo, em homenagem a Nossa Senhora. É um espetáculo musical bonito de se ouvir!

## O PASSADO EM SEUS MONUMENTOS

Para complementar o passeio pelas igrejas, uma boa dica é visitar o Museu de Arte Sacra (Masp), localizado em um prédio de dois andares que data de 1676 (reconstruído no século XIX), onde

antes funcionavam a Casa da Câmara do Senado de Olinda e o Palácio Arquiepiscopal. Por fora, o museu já encanta, graças às suas 12 janelas com balcões de madeira. Por dentro, o acervo reúne peças religiosas do século XVI ao atual e, também, uma exposição de painéis fotográficos que documentam a história de Olinda ao longo dos anos.

Outro museu interessante para se voltar no tempo é o Museu Regional de Olinda. Organizado em 1935, em comemoração aos quatrocentos anos da chegada de Duarte Coelho a Pernambuco, abriga móveis, imagens, painéis e peças de grande valor histórico que datam dos séculos XVII a XIX. Conta também com algumas peças de arte sacra, inclusive um altar que pertenceu à Igreja da Sé antes de sua reforma, em 1711. O museu está instalado em um bonito sobrado que remete, junto ao seu entorno, à Olinda de 1700.

Voltando ainda mais ao passado histórico, vale a pena conhecer o Forte de São Francisco (ou Fortim do Queijo).

Erguido por volta de 1620 para impedir a entrada de invasores na região, é um dos mais antigos de Olinda. De acordo com historiadores, esse forte era uma construção imponente, mas, com o passar do tempo, foi ficando em ruínas, até adquirir o formato atual (que lembra um pedaço de queijo). Na década de 1970, foi restaurado e, desde então, está aberto a visitas.

Outra construção do século XVII é o Palácio dos Governadores - antigo Paço da Assembleia Constituinte e Legislativa da Confederação do Equador. Já abrigou os cursos jurídicos em 1854, o Teatro Melpômene, o fórum e o Colégio Arquidiocesano de Olinda. Atualmente, funciona como sede do Poder Executivo da cidade. O imponente edifício de arquitetura palaciana é iluminado por lâmpões imperiais e, em seu interior, conserva o piso e as escadarias da nobreza.

Passando da nobreza à gente simples das ruas de Olinda, os turistas podem esbarrar em diversas bicas que

Foto: Werner Zoltz/Embratur



À esquerda, o suntuoso interior do Mosteiro de São Bento. À direita, exemplo de fachada com arquitetura colonial

Foto: Christian Kneppel/Embratur

As inúmeras ladeiras de Olinda são ladeadas por casas simples, que preservam as características da época da colonização



foram construídas na primeira metade do século XVI, em pedra e alvenaria. Ainda hoje, é possível encontrar moradores da cidade lavando roupas ou retirando água dos chafarizes - a impressão é que o tempo não passou. Embora não estejam tão conservadas quanto as igrejas da região, as bicas também recebem muitas visitas devido ao seu valor histórico.

A Bica de São Pedro, por exemplo, foi construída no século XVI e é a que tem maior vazão de água, servindo até agora à população olindense. Outra que possui registro histórico é a Bica dos Quatro Cantos, que foi inaugurada em 1602 com o nome de Fonte de Tabatinga. Já a Bica do Rosário é uma imponente peça colonial, com escadaria toda lajea-

da em pedras. Sua base ostenta o secular brasão de Olinda e o frontão é adornado por paredões com jarros de pedra.

#### UM LUGAR PARA VER E SER FELIZ

Depois de todos esses passeios históricos, pode-se partir para o Mercado da Ribeira, onde se entra em contato com o folclore e o artesanato pernambucano. Construído no final do século XVII e início do XVIII para ser um mercado de escravos, é tipicamente colonial: piso em tijolaria, dois alpendres com pilastras e um batente em pedra portuguesa. Lá funcionam hoje várias galerias de artesanato e oficinas de entalhadores, gravuras e pinturas, além de ser palco de apresentações folclóricas, como o mamulengo.

Por fim, não se pode esquecer que Olinda é um lugar para ser admirado por sua grande beleza natural. A cidade possui apenas 11 quilômetros de litoral, distribuídos em sete praias. Mas algumas não permitem o banho de mar, devido à sua difícil topografia. Ainda assim, o visitante não fica desapontado, pois, do alto das ladeiras de Olinda, o infinito azul do mar enche os olhos de todos. Uma grande pedida, então, é sentar-se em um dos bares e restaurantes dos bairros altos - os da Praça da Sé, por exemplo, são uma ótima opção - e ficar ali, admirando a paisagem e pensando em como, por aquelas águas, quinhentos anos antes, singraram frotas portuguesas e holandesas para construir a história dessa encantadora cidade.

# Carnaval





O Galo da Madrugada é o maior bloco do mundo, levando mais de dois milhões de pessoas às ruas, como se pode ver nesta foto aérea. À esquerda, o desfile dos bonecos gigantes no animado carnaval de Olinda

# Caia na folia em Recife e Olinda

O passado histórico de Recife e Olinda não é representado apenas por seus casarões e monumentos. Também está presente em seu folclore e em suas festas, que são heranças da mistura de povos que colonizaram a região. Dos europeus, os pernambucanos adquiriram o gosto pelas danças da corte e pelos bailes; dos negros escravos, os ritmos e a religiosidade; dos índios, o misticismo e os movimentos de suas danças. E desse caldeirão cultural nasceram expressões que são verdadeiras referências em nosso país e, por que não, no mundo todo. O frevo é um deles.

O nome desse ritmo tem origem nos engenhos de cana-de-açúcar. Os negros mexiam grandes tachos de mel até o ponto de levantar fervura. Só que não conseguiam pronunciar corretamente a palavra *ferver*, nem *fervura*. Diziam: "frevê" e "frevura". Da corruptela, surgiu a denominação desse

ritmo quente: frevo. Quem criou o vocábulo foi o escritor pernambucano Osvaldo de Almeida. E, de boca em boca, logo pegou entre o povo. A primeira referência que se tem da palavra *frevu* data de 9 de fevereiro de 1908, no *Jornal Pequeno*, designando, ao mesmo tempo, a música típica do carnaval de Recife e a euforia da massa carnavalesca.

Mas, antes de ter seu nome oficializado, o ritmo já existia, desde o final do século XIX. A música é uma mistura de antigas polcas e dobrados militares, e a dança reúne elementos de capoeira e "queimação dos pés", por conta da alta temperatura do chão durante o verão nordestino. "Frever", portanto, era o termo mais indicado mesmo... Essa dança frenética - que só aguenta quem tem muito fôlego e animação - ainda é a grande sensação do carnaval pernambucano, colocando todo o povo para ferver!

**Essas duas cidades "fervem" no mês de fevereiro, atraindo milhares de pessoas para se divertir de uma maneira única em todo o Nordeste**

## O MAIOR BLOCO DO MUNDO

Em Recife, o auge dos festejos de fevereiro acontece no sábado de carnaval, quando sai o bloco Galo da Madrugada, tradicional na região desde 1978, quando foi criado por Enéas Freire. Ele é considerado, pelo *Guinness Book*, o maior bloco de carnaval do mundo! Em 2009, levou às ruas mais de dois milhões de foliões! O principal ritmo que sacode toda essa gente é o frevo, mas outros também são

# Carnaval

## A animação começa cedo, tal qual um galo ao fazer o seu "cocoricó". A partir das 5h30 da madrugada, toques de clarins anunciam a alvorada do carnaval pernambucano

lembrados pelos mais de vinte trios elétricos que acompanham o Galo da Madrugada ao longo do bairro de São José.

A história desse bloco remete ao amor que os pernambucanos têm por suas raízes. Em dezembro de 1977, um grupo de amigos se reuniu para debater a diferença entre os carnavais antigos e o daquela época. Sob o comando de Freire, tiveram a ideia de criar um clube de frevo, a fim de reviver as verdadeiras origens e tradições do carnaval de rua. Nasceu assim, no dia 24 de janeiro de 1978, o Clube da Alegoria Galo da Madrugada, que congregou os foliões da cidade para um desfile grandioso no primeiro dia de carnaval, unindo clubes de frevo e grupos de mascarados. O sucesso foi tão grande, que vem se repetindo ano após ano, a ponto de ser o recordista mundial em número de participantes.

A animação começa cedo, tal qual um galo ao fazer o seu "cocoricó". A partir das 5h30 da madrugada, toques de clarim anunciam a alvorada do carnaval pernambucano, seguidos por uma salva de fogos e por uma batalha de confetes e serpentinas. Os foliões, então, começam a se reunir diante do Forte das Cinco Pontas. Às dez horas, acontece a saída oficial do bloco. Além dos trios elétricos, acompanham o povo carros alegóricos e freviocas (veículos decorados alegoricamente, levando uma orquestra que só toca frevo), que percorrem a avenida Dantas Barreto, a praça Sérgio Loreto e a rua da Concórdia, finalizando o agito na avenida Guararapes, lá pelas 18h. Mas a festa não acaba por aí! No momento em que o som dos trios elétricos do Galo da Madrugada se encerra, outros blocos se unem a ele e reavivam a alegria, como o Rabo de Galo e o

Galinha do Galo. Há foliões, porém, que preferem continuar a "frevar" em outros *points* da cidade, como as ruas do Recife Antigo, que fervem noite adentro.

### BONECOS GIGANTES E SUPERANIMADOS

Uma semana antes do início oficial do carnaval, Olinda já está em festa. A cidade vizinha a Recife exige do folião ainda mais fôlego e energia: além de os festejos começarem mais cedo, os blocos passeiam pelas ladeiras da cidade. Mas esse sobe e desce infinito não afasta o interesse do povo. Pelo contrário: milhares de pessoas visitam Olinda em fevereiro justamente para curtir os agitos do Momo. Só que, nesse recanto pernambucano, quem toma a frente da festa não é o gorducho rei Momo, e sim os bonecos gigantes.

Medindo cerca de 3,6 metros e pesando até cinco quilos, eles alegam ainda mais os foliões, que vão desfilar ao som de orquestras de frevo. Confeccionados com isopor, papel, madeira, fibra de vidro e muitos metros de tecido, possuem um suporte interno que se acopla ao corpo do "carregador", que sai levando o peso do boneco - até 50 quilos - sob o calor de mais de 40 graus que chega a fazer no interior da roupa do "gigante". Tudo isso na maior animação! O resultado é uma festa multicolorida, na qual mais de quinhentos bonecos ficam subindo e descendo as ladeiras junto aos foliões.

Esses bonecos se originam de uma tradição da Europa na Idade Média, quando imensos bonecos enfeitavam as festas religiosas. No final da década de 1920, um jovem da pequena Belém do São Francisco, no sertão pernambucano, gostava de ouvir um padre belga contando sobre esta antiga tradição

Foto: Secretaria de Turismo do Recife/Embratur



Menino mostra sua alegria usando as coloridas roupas do maracatu. Acima, dançarinos de frevo realizam os agéis movimentos desse ritmo





Foto: Christian Knepper/Embratur

européia. Sonhou, então, tornar esses bonecos uma realidade em sua cidade. Assim, em 1929, "nasciam" Zé Pereira e sua companheira Vitalina, bonecos feitos com corpo de madeira e cabeça de papel machê, que animaram o carnaval de Belém do São Francisco. Em 1932, os artistas plásticos Anacleto e Bernardino da Silva criaram o Homem da Meia-Noite, primeiro boneco a desfilar pelas ladeiras de Olinda. Em 1937, eles deram vida à Mulher do Meio-Dia, outro boneco que é uma tradição até hoje.

Em 1974, Sílvio Botelho criou o filho do Homem da Meia-Noite e da Mulher do Meio-Dia: o Menino da Tarde. Botelho, então, passou a criar mais e mais bonecos, e popularizou a tradição com a criação do Encontro dos Bonecos Gigantes: na terça-feira de carnaval, vários bonecos de diversos artistas saem de diferentes pontos da cidade e se reúnem em um grande desfile pelas ruas preservadas da histórica Olinda. É uma festa que encanta a todos: aque-

les enormes "foliões" exibem pelas ladeiras suas caras alegres e seus enormes braços, balançando ao som do frevo por ruas quase sempre lotadas.

Hoje, a nova geração dos bonecos gigantes impressiona pela qualidade com que é confeccionada, apresentando grande realismo nas expressões faciais e capricho nos figurinos. Além dos tipos populares, personalidades também são retratadas nos bonecos, desde os históricos Duarte Coelho, Maurício de Nassau e d. Pedro I, até os atuais, como o presidente Lula, Dominginhos, Alceu Valença, Elba Ramalho, Pelé, Renato Aragão, Jô Soares e muitos outros! Quem tem a oportunidade de participar do carnaval de rua em Olinda jamais esquece. É uma festa imensamente popular, na qual não é preciso pagar para brincar, não há cordão de isolamento, nem superbandas de axé. É um carnaval diferente de todo o Nordeste, resultado da imensa alegria dos moradores dessa linda cidade.

**Hoje, a nova geração dos bonecos gigantes impressiona pela qualidade com que são confeccionados, apresentando grande realismo nas expressões faciais e capricho nos figurinos**

## MARACATU TAMBÉM ANIMA A FESTA

Outra exclusividade do carnaval pernambucano é o maracatu. Este ritmo é ainda mais antigo do que o frevo, tendo seu mais remoto registro em 1771, em Olinda, e também é uma mistura das culturas indígena, africana e europeia. Ao som de instrumentos de percussão, como taróis, bombos, zabumba, gangues e ganzás, diversos grupos de maracatu saem por Recife e Olinda durante o carnaval, em uma dança bamboleante que lembra os movimentos do candomblé. Alguns encontros de maracatu já são bem tradicionais, como o que ocorre na segunda-feira de carnaval, em Olinda: o Encontro dos Maracatus Rurais. Em Recife, no bairro do Recife Antigo, também acontece o tradicional espetáculo Noite dos Tambores Silenciosos, em que grupos de maracatu nação se reúnem para tocar e cantar aos orixás em frente à Igreja de Nossa Senhora do Terço. À meia-noite, as luzes se apagam e os tambores cessam por um minuto enquanto os grupos seguem guiados por tochas até a porta da igreja, quando finalmente os tambores voltam a tocar. Um espetáculo carnavalesco diferente de tudo o que se possa imaginar!



Funcionando em uma réplica de castelo medieval em Recife, o Instituto Ricardo Brennand possui um acervo de armas brancas e armaduras. Em seu jardim, pode-se apreciar esculturas, como a da direita

## Corredor cultural

### RECIFE Museus

**CASA DO CARNAVAL** - Expõe material sobre as agremiações carnavalescas de Recife, estandartes, discoteca, fantasias e documentos. De segunda a sexta, das 8h às 18h.  
**Pátio de São Pedro, 42, São José - tel.: (81) 3424-4942**

**FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE** - A residência do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre transformou-se nessa fundação que abriga seus objetos pessoais, móveis antigos, porcelanas finas, pratarias, peças de arte popular e obras de arte de Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres, Di Cavalcanti e do próprio Freyre. De segunda a sexta, das 9h às 17h.  
**Rua Dois Irmãos, 320, Apipucos - tel.: (81) 3441-1733**

**INSTITUTO RICARDO BRENNAND** - Um castelo medieval, em plena cidade de Recife, expõe um grande arsenal de armas brancas e armaduras medievais, além de uma ampla pinacoteca, contendo, entre outras, obras do pintor holandês Albert Eckhout, que veio ao Brasil durante o século XVII retratar paisagens e cotidiano. De terça a domingo, das 13h às 17h.  
**Alameda Antônio Brennand, s/nº, Várzea - tel.: (81) 2121-0352**

**MUSEU DA ABOLIÇÃO** - Instalado em uma típica casa de engenho, possui um acervo com peças dos séculos XVIII e XIX, como objetos de tortura usados pelos feitores, e conta com uma biblioteca especializada em cultura afro-brasileira. De segunda a sexta, das 9h às 12h e das 14h às 17h.  
**Rua Benfica, 1150, Madalena - tel.: (81) 3228-3011**

**MUSEU DA CIDADE DO RECIFE** - A memória cultural da capital pernambucana é representada por cerca de 150 mil imagens e por peças provenientes de antigas residências e da Igreja do Senhor Bom Jesus dos Martírios, já demolida. O museu também guarda um acervo cartográfico com 1.600 mapas do século XVII ao XX. De segunda a sexta, das 9h às 17h; sábados e domingos, das 13h às 17h.  
**Forte das Cinco Pontas, s/nº, São José - tel.: (81) 3224-8492**

**MUSEU DE ARTE MODERNA ALOÍSIO MAGALHÃES (MAMAM)** - Às margens do rio Capibaribe, em um casarão do século XIX, possui cerca de 830 trabalhos, entre pinturas, desenhos, gravuras, esculturas e fotografias. Destaque para as 11 telas de Vicente do Rego Monteiro, um dos principais nomes do modernismo nacional, e para a série Cenas da Vida Brasileira, de João Câmara (dez telas e cem gravuras)

que retratam o período Vargas). De terça a domingo, das 12h às 18h.

**Rua da Aurora, 265 - tel.: (81) 3423-3007**

**MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO** - Instalado em um palacete do século XIX, suas 12 mil peças contêm elementos de todas as etnias que fizeram parte da história pernambucana. Destacam-se gravuras retratando a passagem dos holandeses em Pernambuco, objetos de terreiros de cultos afro-brasileiros, mobílias dos séculos XVII a XX e artefatos indígenas. De terça a sexta, das 9h às 17h; sábados e domingos, das 14h às 17h.

**Avenida Rui Barbosa, 960, Graças - tel.: (81) 3427-9322**

**MUSEU DO FREVO LEVINO FERREIRA** - Localizado dentro da Casa de Cultura de Pernambuco, reúne material discográfico, iconográfico e partituras musicais sobre este ritmo típico da região. Diariamente, das 9h às 19h.

**Rua Floriano Peixoto, s/nº, São José - tel.: (81) 3224-2850**

**MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE** - Criado em 1979, apresenta mais de 12 mil peças que retratam a vida do nordestino em todos os aspectos - de uma casa de taipa

cenográfica até carruagens luxuosas usadas para o transporte da aristocracia açucareira. Terças, quartas e sextas, das 11h às 17h; quintas, das 8h às 17h; sábados, domingos e feriados, das 13h às 17h.

**Avenida 17 de Agosto, 2.187, Casa Forte - tel.: (81) 3441-5500**

**MUSEU MILITAR DO FORTE DO BRUM** - Exibe materiais de escavações arqueológicas realizadas na fortificação, como fragmentos de piteiras, balas e canivetes, e fotos e armas usadas durante a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. De segunda a quinta, das 13h às 18h; sextas, das 8h às 12h.

**Praça da Comunidade Luso-Brasileira, s/nº, Bairro do Recife - tel.: (81) 3224-4620**

**MUSEU MURILLO LA GRECA** - Oferece ao visitante um acervo com 1.400 desenhos em diferentes técnicas, 160 pinturas (paisagens, retratos e obras impressionistas), cartas trocadas entre Portinari e Giacometti, discos, livros e mobiliários. De segunda a sexta, das 9h às 17h.

**Rua Leonardo Cavalcanti, 366, Parnamirim - tel.: (81) 3268-801**

## Fortes

**FORTE DAS CINCO PONTAS** - Construído pelos holandeses em 1630, em taipa e com formato pentagonal. Apesar do nome, agora possui apenas quatro pontas, resultado das reformas efetuadas pelos portugueses após a expulsão dos holandeses e de outras feitas pelo governo pernambucano, a última em 1970. De segunda a sexta, das 10h às 18h; sábados e domingos, das 13h às 17h.

**Ponta sul da Ilha de Santo Antônio, Largo das Cinco Pontas, s/nº, São José - tel.: (81) 3224-8492**

**FORTE DO BRUM** - Edificado por portugueses no século XVI, foi tomado pelos holandeses em 1630 e passou a se denominar Forte de Bruyne, nome que a população local aportuguesou para Brum. Em 1918, ao ser ameaçado de destruição devido às obras de ampliação do porto, foi preservado a pedido do Instituto Arqueológico de Pernambuco e tombado em 1939. De terça a sexta, das 9h às 16h; sábados, domingos e feriados, das 14h às 16h.

**Praça da Comunidade Luso-Brasileira, s/nº, Bairro do Recife - tel.: (81) 3224-4620**

## Igrejas

### **BASÍLICA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO**

**CARMO** - Construída em 1767, em estilo barroco. Guarda obras de notável expressão sacra e artística. A capela-mor possui um altar dourado, onde se destaca a imagem em



Foto: Thiago Brigada/Divulgação

A Igreja da Sé é um dos tesouros da arquitetura de Olinda, erguida em 1540 e restaurada um século depois. Visitar as igrejas da região é um grande passeio, permitindo conhecer belos exemplares da arte sacra

Foto: Werner Zotz/Embratur



tamanho natural de Nossa Senhora do Carmo. De segunda a sexta, das 6h30 às 11h30 e das 14h às 17h.

**Avenida Dantas Barreto, 646, Praça do Carmo, Santo Antônio - tel.: (81) 3224-3341**

**CAPELA DOURADA** - Edificada entre 1696 e 1724, com forro coberto de pinturas emolduradas pelas sofisticadas talhas douradas e contornadas por grades de jacarandá. Anexo à capela está o Museu Franciscano de Arte Sacra. De segunda a sexta, das 8h às 11h e das 14h às 17h; sábados, das 8h às 13h.

**Rua do Imperador, s/nº, Santo Antônio - tel.: (81) 3224-0530**

**CATEDRAL DE SÃO PEDRO DOS CLÉRIGOS** - Construída entre 1728 e 1759, tem a fachada em pedras de cantaria portuguesa talhadas. No interior, portas e altares de jacarandá, púlpitos de talha dourada e pintura no teto de autoria de João de Deus Sepúlveda. De segunda a sexta, das 8h às 11h e das 14h às 16h; sábados, das 8h às 10h.  
**Pátio de São Pedro, s/nº, Centro - tel.: (81) 3224-2954**

**IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DOS MILITARES** - Com interior em estilo rococó, data de 1710. Sob o coro, um painel representa a primeira Batalha dos Montes Guararapes. Abriga o Museu de Arte Sacra Padre Roberto Barbalho. De segunda a sexta, das 7h30 às 11h30 e das 13h30 às 16h; sábados, das 7h às 12h.  
**Rua Nova, 304, Santo Antônio - tel.: (81) 3224-3106**

**IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA** - É o único exemplar de estilo coríntio em Recife. Em seu interior, há

pinturas em afresco de Murillo La Greca. De terça a sexta, das 7h às 11h e das 15h às 17h; sábados, das 15h às 17h; domingos, das 8h às 9h.

**Praça Dom Vital, s/nº, São José - tel.: (81) 3224-8500**

**IGREJA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO (MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO)** - Construída entre 1753 e 1790. Em estilo barroco colonial, possui fachada grandiosa e frontão com belo ostensório. Seu interior é decorado com talhas do final do século XVIII. De segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 17h; sábados e domingos, das 8h às 12h.  
**Avenida Dantas Barreto, s/nº, Santo Antônio, Praça da Independência - tel.: (81) 3224-9494**

## Artesanato

**CASA DA CULTURA DE PERNAMBUCO** - Antiga Casa de Detenção do Estado, construída no século XIX. Suas 150 celas viraram lojinhas que vendem trançados de palha, tapetes, rendas, bordados, cerâmica, couro, madeira e metais. Diariamente, das 9h às 19h.  
**Rua Floriano Peixoto, s/nº, Santo Antônio - tel.: 3224-2850**

## OLINDA Museu

**CASA DOS BONECOS GIGANTES** - Expõe o trabalho do artista plástico Silvío Botelho, responsável pelos bonecos gigantes do carnaval de Olinda. De segunda a sábado, das 8h às 13h e das 14h às 18h.  
**Rua do Amparo, 45, Cidade Alta - tel.: (81) 3439-2443**



Christian Knepper/Embratur

### MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE PERNAMBUCO

Reúne cerca de 2.800 peças. Entre elas, a coleção Assis Chateaubriand e 204 obras de diferentes autores, como Candido Portinari e Francisco Brennand. De terça a sexta, das 8h30 às 12h30; sábados, das 9h às 12h; domingos, das 14h às 17h.

**Rua 13 de Maio, 157, Carmo - tel.: (81) 3429-2587**

### MUSEU DE ARTE SACRA DE PERNAMBUCO (MASPE)

Fica em uma das mais belas paisagens de Olinda, o Alto da Sé. Destacam-se 18 passagens da paixão, morte e ressurreição de Cristo, e o presépio nordestino, em que vemos mitos da região como Lampião, Antônio Conselheiro e Zumbi dos Palmares. De segunda a sexta, das 9h às 12h45.

**Rua Bispo Coutinho, 726, Alto da Sé - tel.: (81) 3429-0023**

**MUSEU DO MAMULENGO** - Toda a trajetória do mamulengo no Nordeste pode ser vista através de bonecos, pertences de cena e instrumentos musicais. De terça a domingo, das 10h às 17h.

**Rua do Amparo, 59, Amparo - tel.: (81) 3429-6214**

**MUSEU REGIONAL DE OLINDA** - Reúne peças que retratam as residências durante os séculos XVII, XVIII e XIX. De terça a sexta, das 9h às 17h; sábados e domingos, das 13h às 17h.

**Rua do Amparo, 122, Amparo - tel.: (81) 3429-0018**

## Igrejas

**IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO** - Sua construção iniciou-se em 1585,

mas foi incendiada pelos holandeses em 1631. Reconstruída no século XVII, conserva até hoje sua capela-mor. Nela, destacam-se o forro da igreja com pinturas do século XVIII, o teto representando a Sagrada Família e os azulejos portugueses. De segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 17h; sábados, das 8h às 12h.

**Ladeira de São Francisco, 280, Carmo - tel.: (81) 3429-0517**

### IGREJA DA SÉ (IGREJA DE SÃO SALVADOR DO MUNDO)

Fundada em 1540, foi destruída pelo incêndio de 1631, e passou por restauração de 1656 a 1677. Possui altares laterais folheados a ouro e azulejos portugueses. Visitas diariamente, das 8h às 12h e das 14h às 17h.

**Alto da Sé, s/nº - tel.: (81) 3271-4270**

**IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO** - Construída em 1599, foi incendiada em 1631 e restaurada a partir de 1654. Sua fachada possui um brasão e uma torre do século XVIII. Em seu altar-mor, em estilo barroco, encontra-se a imagem de São Bento em madeira revestida de ouro. Na sacristia, há talhas douradas, espelhos de cristal e painéis sobre a vida de São Bento. Diariamente, das 8h às 11h30 e das 14h às 17h.

**Rua de São Bento, s/nº, Varadouro - tel.: (81) 3429-3288**

### IGREJA DO CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DO CARMO

- Primeira igreja da ordem dos carmelitas no Brasil, em 1588. No século XVIII, passou por restaurações. Sua fachada é em estilo colonial renascentista, com colunas, portas e janelas trabalhadas. O altar-mor abriga a imagem barroca do seu padroeiro e dos santos Elias e Eliseu. Nos corredores laterais, há grandes quadros com imponentes molduras. Missas aos domingos, às 11h.

**Praça do Carmo, s/nº, Carmo - tel.: (81) 3429-2892**

### IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA E SEMINÁRIO DE OLINDA

- Encontra-se no ponto mais alto de Olinda. A construção é uma importante referência da arquitetura quinhentista. Castigada pelo incêndio da cidade, e mais tarde reconstruída, apresenta no arco da capela-mor a inscrição do ano de 1661, época provável da conclusão dos reparos. De segunda a sexta, das 14h30 às 16h

**Rua Bispo Coutinho, s/nº, Alto da Sé - tel.: (81) 3429-0627**

## Monumentos

**FAROL DE OLINDA** - Inaugurado em 1941, no alto do Morro de Serapião. A visita pode ser em pequenos grupos, durante 15 minutos, aos sábados, domingos e feriados, das 14h às 17h.

**Bairro do Amaro Branco - tel.: (81) 3496-6525**

## Corredor cultural

**FORTE DE SÃO FRANCISCO (FORTIM DO QUEIJO)** - Historiadores afirmam que o Fortim do Queijo é o mais antigo da cidade e teria sido construído por volta de 1620. Quase em ruínas, foi restaurado na década de 1970.  
**Rua do Sol, s/nº, Carmo**

**PALÁCIO DOS GOVERNADORES** - Construído no século XVII, atualmente funciona como sede do Poder Executivo de Olinda. Imponente edifício de arquitetura simples e palaciana, iluminado por lâmpadas imperiais, conserva o piso e as escadarias características da nobreza.  
**Rua de São Bento, 123, Varadouro**

### Mirantes

**MIRANTE DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA E SEMINÁRIO DE OLINDA** - Localizado no pátio do seminário, é possível ver do mirante torres de igrejas seculares, o Oceano Atlântico, o porto e a cidade de Recife, a praia de Ponta D'el Chifre e um trecho do rio Beberibe.

**MIRANTE DA RIBEIRA** - Pode-se avistar a praia de Ponta D'el Chifre, um trecho do rio Beberibe, o porto e a cidade de Recife, além da concentração urbana do bairro de Boa Viagem. Fica no bairro da Ribeira.

**MIRANTE DO ALTO DA SÉ** - No largo da Igreja da Sé. Observam-se os telhados do antigo casario, as igrejas da Cidade Alta, o porto e a cidade de Recife, a praia de Ponta D'el Chifre, um trecho do rio Capibaribe, o bairro de Boa Viagem e o oceano.

**MIRANTE DO LARGO DA MISERICÓRDIA** - No largo da Igreja da Misericórdia. Vê-se toda a cidade de Olinda e seu casario, a praia de Ponta D'el Chifre, um trecho do rio Beberibe, o Complexo de Salgadinho, o porto e a cidade de Recife, o oceano e parte da Cidade Alta.

### Artesanato

**MERCADO DA RIBEIRA** - Data do século XVII e foi um local de venda de escravos. Abriga lojas que vendem peças de barro, artigos de renda, couro e palha, gravuras e pinturas. Sua arquitetura é em estilo colonial: piso em tijolaria, dois alpendres com pilastras e um batente em pedra portuguesa. Diariamente, das 9h às 18h30.  
**Rua Bernardo Vieira de Melo, s/nº, Ribeira**

**MERCADO EUFRÁSIO BARBOSA** - Funciona em uma antiga fábrica de doces, fundada em 1865. Possui lojas de artesanato pernambucano. De segunda a sábado, das 9h às 18h.  
**Praça do Varadouro, s/nº, Varadouro**

Foto: Editora Peixes/Embratur



Em Olinda, ao longo de todo o ano, é possível ir a exposições que exibem a arte dos carnavalescos bonecos gigantes

# Colégio Palas. 91,3%\* de aprovação no Vestibular 2009.

## UFRJ

AMANDA MARTINS NAVEGANTES  
ANA CLARA DE FREITAS SILVA  
ANA CLAUDIA OLIVEIRA M. DA SILVA  
ARTUR VASCONCELOS LUZIO  
BARBARA MARIA DE A. MITCHELL  
BIANCA CARDIA MÔL  
BIANCA DEMÉTRIO MANSOUR  
CAMILA SOUZA DA MOTTA  
CAMILA VALENTIM MARTINS DOS SANTOS  
CAROLINA BERNHARDT  
CAROLINA LISBOA DE SOUZA  
CLARISSA AFFONSECA FERNANDES  
DANIELLE BRODA DE VASCONCELOS  
DESIRÉE SILVA DE ARAUJO  
FERNANDO M. DE QUEIROZ VARELLA  
ISABELA RODRIGUES C. G. FERREIRA  
JENNIFER GOUVEIA DA SILVA  
JÉSSICA SILVA DE ALMEIDA  
JOANNA GUSSEN CARNEIRO  
JOÃO ROQUETTE FLEURY DA ROCHA  
JÚLIA NICASIO DOS SANTOS  
JULIANA MARTINS GONÇALVES  
JULIANA NEVES DELGADO  
JULIANA RIBEIRO MARTINS  
LARISSA NOBREGA L. ALVES DA COSTA  
LIDIANE SANTOS BARBOSA  
LIENNE ARAGÃO LYRA  
LÍVIA CUNTO SALLES DA COSTA  
LUAN CESAR BARROS MONTEIRO  
LUANA ARAUJO G. DOS SANTOS  
LUCAS MACRI RODRIGUES  
LUÍS FILIPE S. L. DA FRANÇA BARBOZA  
LUÍS GUILHERME S. Q. DA SILVA FONSECA  
MANUELA COUTO GOUVEIA  
MARCELA CORREIA ESTEVES  
MARIANA BORGHI DE OLIVEIRA  
MARIANA DOS SANTOS VIEITOS  
MARIANA FONSECA BEZERRA  
MICHELLE MACÊDO R. CASCARDO  
MORGAN TARIKI VARGAS  
NAIALA FIDELIS GOMES  
NICOLE TRANJAN HAJJ  
ORLANDO DE MARQUES VOGELBACHER  
OTÁVIO DE BODT SANTOS ROCHA  
PATRÍCIA RODRIGUES BALLA  
PAULA SALARINI MANZANI  
PAULO PRINCE  
PEDRO AIZENBERG DE SOUZA  
PRISCILA GUIMARÃES DE MARCONDES  
RAFAEL CARVALHO DAS NEVES  
RAFAEL FONSECA FARIAS DA SILVA  
RAISA FROUFE GOMES  
RAPHAEL LIMA DE OLIVEIRA  
RAPHAEL LUIZ ROCHA DE CARVALHO  
RENAN JORGE BRAGA SCORZA  
RENATO SOARES DE SALLES ABREU  
ROMULO VIANNA ZAPPELLI DE OLIVEIRA  
SAMUEL SOUZA DA SILVA JÚNIOR  
SILVIA GABRIELA P. SANTOS V. ABREU  
TALITA MEIER MARQUES RODRIGUES  
THIAGO DE OLIVEIRA MARQUES  
THIAGO S. DE MIRANDA FERREIRA  
WALTER JOSÉ SOBREIRA CAVALIERI

## UERJ

ALINE LEMOS DE FREITAS  
AMANDA MARTINS NAVEGANTES  
ANA CLARA DE FREITAS SILVA  
ANA LUISA TAVARES TORRES  
BIANCA DEMÉTRIO MANSOUR  
CAMILA SOUZA DA MOTTA  
CAROLINA MENDES FARIA DA SILVA  
CLARISSA AFFONSECA FERNANDES  
DANIEL ESCOBAR RIBEIRO DE SÁ FREIRE  
DANIELLE BRODA DE VASCONCELOS  
DESIRÉE SILVA DE ARAUJO  
FELIPE LOUREIRO DE CASTRO CELANI  
FERNANDO M. DE QUEIROZ VARELLA  
ISABELA RODRIGUES C. G. FERREIRA  
JÉSSICA SILVA DE ALMEIDA  
JOÃO ROQUETTE FLEURY DA ROCHA  
JÚLIA NICASIO DOS SANTOS  
JULIANA MARTINS GONÇALVES  
LIDIANE SANTOS BARBOSA  
LIENNE ARAGÃO LYRA  
LÍVIA CUNTO SALLES DA COSTA  
LUAN CESAR BARROS MONTEIRO  
MARCELA CORREIA ESTEVES  
MARIANA FONSECA BEZERRA  
MARIO R. DA SILVEIRA JUNIOR  
NAIALA FIDELIS GOMES  
PATRÍCIA RODRIGUES BALLA  
PAULA SALARINI MANZANI  
PAULO PRINCE  
RAFAEL CARVALHO DAS NEVES  
RAISA FROUFE GOMES  
RAPHAEL LUIZ ROCHA DE CARVALHO  
RENATO SOARES DE SALLES ABREU  
SAMUEL SOUZA DA SILVA JÚNIOR  
SILVIA GABRIELA P. SANTOS V. ABREU  
STÉPHANIE SANTANA CHAMON LOPES  
THAIS OLIVARES DE HARO  
THIAGO S. DE MIRANDA FERREIRA  
VINICIUS DE MORAES E SILVA  
WALTER JOSÉ SOBREIRA CAVALIERI  
WANDERLEY FERNANDES DE OLIVEIRA

## UFF

ALINE LEMOS DE FREITAS  
AMANDA MARTINS NAVEGANTES  
ANA CLAUDIA OLIVEIRA M. DA SILVA  
ANA LUISA TAVARES TORRES  
BARBARA MARIA DE A. MITCHELL  
BIANCA DEMÉTRIO MANSOUR  
CAMILA SOUZA DA MOTTA  
CLARISSA AFFONSECA FERNANDES  
CLARISSA DE ANDRADE FRAGA DE FREITAS  
DANIELLE BRODA DE VASCONCELOS  
GABRIEL ABREU DEL PRA  
JÉSSICA REGINA MARTINS DE SOUSA  
JÉSSICA SILVA DE ALMEIDA  
JOÃO ROQUETTE FLEURY DA ROCHA  
JÚLIA NICASIO DOS SANTOS  
JULIANA MARTINS GONÇALVES  
JULIANA RIBEIRO MARTINS  
LARISSA COELHO DE LIMA  
LIDIANE SANTOS BARBOSA  
LIENNE ARAGÃO LYRA  
LÍVIA CUNTO SALLES DA COSTA  
LUAN CESAR BARROS MONTEIRO  
MARIANA BORGHI DE OLIVEIRA  
MARIANA PRAGANA LINHARES FERREIRA  
MILENA ANDRADE JORDÃO  
MORGAN TARIKI VARGAS  
NICOLE TRANJAN HAJJ

OTÁVIO DE BODT SANTOS ROCHA  
PAULA SALARINI MANZANI  
PAULO PRINCE  
PRISCILA GUIMARÃES DE MARCONDES  
RAISA FROUFE GOMES  
RAPHAEL LUIZ ROCHA DE CARVALHO  
ROMULO VIANNA ZAPPELLI DE OLIVEIRA  
SAMUEL SOUZA DA SILVA JÚNIOR  
SILVIA GABRIELA P. SANTOS V. ABREU  
STÉPHANIE SANTANA CHAMON LOPES  
THIAGO S. DE MIRANDA FERREIRA  
WANG SHUSHU

## CEFET / UNIRIO / UFRJ

ANA CLAUDIA OLIVEIRA M. DA SILVA  
ANA LUISA TAVARES TORRES  
BIANCA DEMÉTRIO MANSOUR  
CAROLINA BERNHARDT  
CAROLINA MENDES FARIA DA SILVA  
DANIEL DE SÁ FREIRE  
EMANUELLE MAKIYAMA BEZERRA  
ERIC CORDEIRO PARAUTA  
FERNANDO M. DE QUEIROZ VARELLA  
GABRIEL FLAMENBAUM  
GABRIELA MACHADO RODRIGUES  
JÉSSICA SILVA DE ALMEIDA  
LUAN CESAR BARROS MONTEIRO  
LUANA ARAUJO G. DOS SANTOS  
MANUELA COUTO GOUVEIA  
MARIANA DOS SANTOS VIEITOS  
MILENA ANDRADE JORDÃO  
MORGAN TARIKI VARGAS  
NAIALA FIDELIS GOMES  
PATRÍCIA RODRIGUES BALLA  
PAULA SALARINI MANZANI  
PAULO PRINCE  
PEDRO AIZENBERG DE SOUZA  
PRISCILA DANIEL DE PAIVA  
RAISA FROUFE GOMES  
RAPHAEL LUIZ ROCHA DE CARVALHO  
SAMUEL SOUZA DA SILVA JÚNIOR  
STÉPHANIE SANTANA CHAMON LOPES  
THIAGO DE OLIVEIRA MARQUES

## UNIVERSIDADES PARTICULARES

ALANNA SANTORO VINHAS  
ALINE LEMOS DE FREITAS  
ANA CLARA DE FREITAS SILVA  
AROLD ESTEVES LIMA NETO  
ARTHUR MOREIRA SAÚDE  
ARTUR VASCONCELOS LUZIO  
BARBARA CRISTINA P. LINHARES  
BIANCA CARDIA MÔL  
BRUNA SCOT SERNACHE  
CAMILA SOUZA DA MOTTA  
CARLA GANTE MAGALHÃES  
CAROLINA BERNHARDT  
CHERUBIN CUNHA DO NASCIMENTO  
CLARISSA AFFONSECA FERNANDES  
DANIEL AZEREDO COUTINHO STOB  
DANIEL ESTRELLA COUTO  
DESIRÉE SILVA DE ARAUJO  
ERIC CORDEIRO PARAUTA  
FELIPE COSTA RODRIGUES  
FELIPE LOUREIRO DE CASTRO CELANI  
FILIPE BARBOZA DA FONSECA  
GABRIEL ABREU DEL PRA  
GABRIEL FLAMENBAUM  
GABRIELA R. DE PAULA CARVALHO  
GABRIELLE DIAS JANNUZZI  
GIULIANNA CIUFFO REZENDE

GUILHERME ELIA COELHO DA SILVA  
HENRIQUE AUGUSTO DE SÁ MOREIRA  
HENRIQUE BARTHEM DA MOTTA RAMOS  
ISABELA PACHECO GONÇALVES  
ISABELA RODRIGUES C. G. FERREIRA  
JÉSSICA REGINA MARTINS DE SOUSA  
JOANNA GUSSEN CARNEIRO  
JOÃO GILBERTO PIMENTA BUENO LEAL  
JOÃO PAULO DE ANDRADE E SILVA LANA  
JOSÉ LUIZ PEREIRA MALAFAIA JUNIOR  
JULIANA FERNANDES OLIVEIRA RISS SCHULTZ  
JULIANA NEVES DELGADO  
JULIANA RIBEIRO MARTINS  
LIDIANE SANTOS BARBOSA  
LÍVIA CUNTO SALLES DA COSTA  
LUANA ARAUJO G. DOS SANTOS  
LUÍS GUILHERME S. Q. DA SILVA FONSECA  
MANUELA COUTO GOUVEIA  
MARIA EDUARDA DA F. PASSOS BITTENCOURT  
MARIANA ARAGÃO DOMETT SAGUIE  
MARIANA COUTINHO STUDART  
MARIANA DOS SANTOS VIEITOS  
MARIANA FELISBERTO  
MARIANA FONSECA BEZERRA  
MÁRIO ROBERTO DE OLIVEIRA F. JÚNIOR  
MICHELLE MACÊDO R. CASCARDO  
NAIALA FIDELIS GOMES  
NICOLE TRANJAN HAJJ  
OTÁVIO DE BODT SANTOS ROCHA  
PAOLA CRISTINA LONGO DE MIRANDA  
PAULA SALARINI MANZANI  
PAULO PRINCE  
PEDRO AIZENBERG DE SOUZA  
PRISCILA DANIEL DE PAIVA  
PRISCYLLA RAMOS DA SILVA SOUSA  
RACQUEL HERDY VALENTE IGUATEMY  
RAFAEL CARVALHO DAS NEVES  
RAFAEL FERNANDES BRAGA  
RAISA FROUFE GOMES  
RAPHAEL DUTRA DA COSTA CAMPOS  
RAPHAEL LIMA DE OLIVEIRA  
RAPHAEL MIGUEZ MANÇUR  
RENATA KURISU COSTA  
RENATO SOARES DE SALLES ABREU  
SILVIA GABRIELA P. SANTOS V. ABREU  
STÉPHANIE SANTANA CHAMON LOPES  
TÂNIA DA FONSECA PASSOS BITTENCOURT  
THAIS OLIVARES DE HARO  
VANESSA LUCENA ANGELIM  
VICTOR DIAS NASCIMENTO  
VICTOR HUGO DIAS MAIONE  
VICTOR SOBREIRA COIMBRA DA SILVA  
VINICIUS DE MORAES E SILVA

**O mais difícil foi  
cabrer todo mundo  
nesta página.**



Desde 1960

[www.palas.com.br](http://www.palas.com.br)



Eletrobras 

## QUEM PROCURA O SELO PROCEL ENCONTRA SEMPRE A MESMA MARCA.

A mesma empresa que gera e transmite a maior parte da energia do Brasil está por trás do Procel – Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica. Há mais de 20 anos, a Eletrobras coordena esta iniciativa que vem ajudando milhões de brasileiros a evitar o desperdício.

Não por acaso, ficou mais fácil encontrar produtos que economizam a energia do país e o seu dinheiro ao mesmo tempo. São geladeiras, lâmpadas, ares-condicionados, entre outros. Afinal, além de energia, a Eletrobras continua levando economia a todo o Brasil.



Ministério de  
Minas e Energia

